



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE, PB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS - CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

VIRGÍNIA CLÁUDIO DE FARIAS LELLYS

**A COMUNICAÇÃO DA FÉ PELAS MÍDIAS SOCIAIS: O CASO DO YOUTUBE E A
SÉRIE "FACES DA PERSEGUIÇÃO"**

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

VIRGÍNIA CLÁUDIO DE FARIAS LELLYS

**A COMUNICAÇÃO DA FÉ PELAS MÍDIAS SOCIAIS: O CASO DO YOUTUBE E A
SÉRIE "FACES DA PERSEGUIÇÃO"**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao Centro de Ciências Sociais e
Aplicadas – CCSA, da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo Digital e
Cibercultura.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L542c Lellys, Virginia Claudio de Farias.
A comunicação da fé pelas mídias sociais [manuscrito] : o caso do Youtube e a série "FACES DA PERSEGUIÇÃO" / Virginia Claudio de Farias Lellys. - 2022.
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima, Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Jornalismo religioso. 2. Mídias digitais. 3. Youtube. 4. Comunicação religiosa. 5. Perseguição religiosa. 6. Jornalismo documental. I. Título

21. ed. CDD 302.23

VIRGÍNIA CLÁUDIO DE FARIAS LELLYS

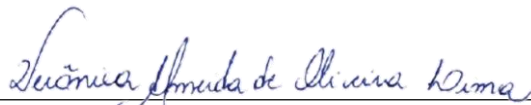
A COMUNICAÇÃO DA FÉ PELAS MÍDIAS SOCIAIS: O CASO DO YOUTUBE E
A SÉRIE "FACES DA PERSEGUIÇÃO"

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Comunicação Social, Curso de Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo Digital e Cibercultura.

Aprovada em: 25 / 03 / 2022.

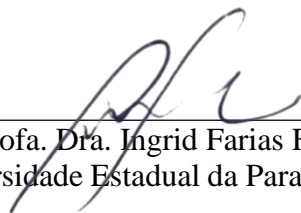
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Cássia Lobão Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Ingrid Farias Fechine
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus, pela esperança e oportunidade; minha família, meu fundamento e escudo, pela paciência e apoio contínuos; aos amigos de sempre e os que nesta jornada encontrei; e a todos os professores que me ensinaram e orientaram até aqui, DEDICO.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 | RELIGIÃO E PERSEGUIÇÃO A FÉ CRISTÃ | 6 |
| 2.1 | A origem da religião | 6 |
| 2.2 | Cristianismo e perseguição religiosa | 8 |
| 3 | COMUNICAÇÃO E RELIGIÃO | 10 |
| 3.1 | Jornalismo e religião na web | 10 |
| 3.2 | Ciberespaço e YouTube como plataformas da fé | 12 |
| 3.3 | A subjetividade no jornalismo documental | 14 |
| 4 | PESQUISA E ANÁLISE | 16 |
| 4.1 | Metodologia | 16 |
| 4.2 | Portas Abertas | 16 |
| 4.3 | Análise: episódio 1 | 17 |
| 4.4 | Análise: episódio 2 | 19 |
| 4.5 | Cruzamento dos dados | 20 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 20 |
| | REFERÊNCIAS | 22 |

A COMUNICAÇÃO DA FÉ PELAS MÍDIAS SOCIAIS: O CASO DO YOUTUBE E A SÉRIE "FACES DA PERSEGUIÇÃO"

THE COMMUNICATION OF FAITH THROUGH SOCIAL MEDIA: THE CASE OF YOUTUBE AND THE SERIES "FACES OF CHRISTIAN PERSECUTION"

Virgínia Cláudio de Farias Lellys¹

RESUMO

Considerando as mudanças comunicativas a partir da popularização da internet e de suas mídias sociais, bem como a oferta de conteúdos especializados no âmbito religioso/cristão da web, este artigo tem por objetivo compreender as estratégias usadas na transmissão da mensagem do canal Portas Abertas, pela série documental "Faces da Perseguição", disponibilizada no YouTube. Para tanto, analisou-se os dois primeiros episódios postados, a partir da metodologia de pesquisa descritiva, utilizando um roteiro de observação. As inferências são apresentadas segundo o estudo da narrativa de cada episódio isoladamente e, logo após, há o cruzamento dos dados obtidos, apresentando as semelhanças e diferenças entre eles, visando compreender as motivações. Alguns dos autores consultados, para dar suporte aos estudos e conceitos necessários para entender esses elementos, são Steinwascher Neto (2015) – onde a perseguição a fé cristã é retratada em seu início pelo Império Romano –, Silva, A. (2017) – para compreender melhor a especialização do jornalismo religioso – e Melo, Gomes e Morais (2001) – esclarecendo sobre a subjetividade documental. Através da observação em conjunto ao referencial teórico, foi possível assimilar a influência dos planos de imagens e de outros elementos constitutivos do documentário, para impactar e sensibilizar o espectador, de forma que o projete à prática da ajuda financeira e espiritual na tentativa de modificar uma determinada realidade, se não para todos, ao menos para alguns.

Palavras-chave: Perseguição cristã. Jornalismo religioso. Jornalismo documental. YouTube.

ABSTRACT

Taking into consideration the communicative changes from the popularization of the internet and its social media, as well as the offer of specialized content in the religious/Christian context of the web, this article aims to understand the strategies used in the transmission of the message of the Open Doors channel by the documentary series "Faces of Christian Persecution" available on YouTube. Therefore, the first two episodes posted were analyzed from a descriptive research methodology using an observation script. The inferences are presented according to the study of the narrative of each episode in isolation then there is the cross-checking datas obtained, presenting the similarities and differences between them, aiming to understand the motivations. Some of the authors consulted to support the studies and concepts necessary to understand these elements are Steinwascher Neto (2015) – where the persecution of the Christian faith is portrayed at its beginning by the Roman Empire -, Silva, A. (2017) – to have better understand the specialization of religious journalism - and Melo, Gomes and Morais (2001) – explaining about documentaty subjectivity. Through observation together with the theoretical foundation, it was possible to assimilate the influence of the image plans and other constitutive elements of the documentary to impact and sensitize the spectator in a way that projects him to the practice of financial and spiritual help in an attempt to change a certain reality, if not for everyone, at least for some.

Keywords: Christian persecution. Religious journalism. Documentary journalism. YouTube.

¹ Aluna do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: virginialellys@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação tem proporcionado o entendimento e cooperação entre os seres humanos desde o princípio. A urgência de expressarmos nossas necessidades e desejos refletem o impulso natural na busca de informação, compreensão e auxílio através do outro. Por conseguinte, desenvolvemos instrumentos e modelos para tanto, de forma que os significados de nossas palavras/gestos têm reestruturado as relações interpessoais ao longo do tempo, e se apresentam como justificativas para ações conjuntas entre pessoas de diferentes origens e crenças. Um exemplo próximo da evolução de nossa comunicação e o estímulo ao engajamento é a popularização da internet e suas mídias sociais. Através delas é possível unir conhecimentos de diferentes gêneros comunicativos, como o jornalismo especializado e o audiovisual do documentário, bem como democratizar as possibilidades de produzir e compartilhar materiais autorais e com temáticas pouco divulgadas em veículos tradicionais de imprensa, como pautas de interesse religioso, por exemplo.

Desse modo, a facilidade de atingir públicos variados através da personalização, enquanto refina-se o conteúdo às especificidades das plataformas, e promove o estímulo da interação, mais próxima aos grupos sobre e para os quais se fala, prioritariamente, é um elemento de grande interesse para produtoras menores e assessorias de comunicação. Com vista ao entendimento dessas questões, foi analisada a série documental “FACES DA PERSEGUIÇÃO”², do canal Portas Abertas, disponível YouTube, para compreender a narrativa e as estratégias de comunicação empregadas na transmissão da referente mensagem. A partir do estudo de dois episódios, segundo a metodologia de pesquisa descritiva, utilizando roteiro de observação.

O referencial teórico apreendeu a abordagem de questões como o surgimento da religião e a perseguição religiosa aos cristãos, jornalismo especializado/religioso na web, cibercultura e YouTube servindo à fé, subjetividade no jornalismo documental e uma breve apresentação da instituição Portas Abertas. Alguns dos autores consultados, para dar suporte aos estudos e conceitos necessários para o entendimento dessas questões, são Steinwascher Neto (2015), Silva, A. (2017) e Melo, Gomes e Morais (2001). A discussão teórica que se iniciará a seguir, serviu para a constituição das inferências, observações e hipóteses levantadas nas análises. Por sua vez, o estudo dos dois episódios, isoladamente, e o posterior cruzamento dos dados obtidos, foram cruciais na justificativa da abordagem conceitual e garantem o detalhamento de técnicas de enquadramento, entre outras, para esclarecer sobre as formas comunicativas como a série em análise foi criada, no propósito de conhecer as principais estratégias empregadas na transmissão de sua mensagem.

2 RELIGIÃO E PERSEGUIÇÃO A FÉ CRISTÃ

2.1 A origem da religião

Nos estudos de base evolucionista, a origem da religião ainda não foi plenamente datada. Por se tratar de um fenômeno considerado pré-histórico, ou seja, anterior à invenção da escrita, o culto ao mito e ao sagrado, e a realização de rituais que buscavam aproximar o humano do transcendente, não possuem registros que permitam, à comunidade científica,

² Primeiro episódio disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Q20yAL2zA1g&list=PLNCyAeV74dR179NIiv98AJa5nigX1H2xi&index=1>. Acesso em: 08 mar. 2022.

Segundo episódio disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=UjBwUkpMoDo&list=PLNCyAeV74dR179NIiv98AJa5nigX1H2xi&index=12>. Acesso em: 31 mar. 2022.

estabelecer precisamente o momento no tempo e espaço em que os primeiros seres dotados de consciência começaram a desenvolver, coletivamente, a fé em um ser supremo e divino.

Contudo, certos estudos arqueológicos dispõem de argumentos que levam à ideia de que foram ainda nos períodos do Paleolítico, considerado a primeira fase da pré-história, que os humanos passaram a estabelecer práticas ritualísticas. Talvez, a primeira delas seja o sepultamento. O simbolismo desse exercício pode indicar, segundo Martins (2009, p. 5), “[...] um movimento que remete ao medo, à derrota, mas também à vitória, à esperança, afinal o morto sepultado é plantado como uma semente na terra”.

Mesmo que tal costume não seja plenamente entendido como um ato de expressão religiosa, podendo também ser compreendido como um modo de evitar a putrefação dos corpos ao ar livre, e assim abafar o mau cheiro advindo desse processo, há ainda outra prática pré-histórica que é decifrada de forma ambígua: a arte rupestre. Esses desenhos em rochas, além de uma representação estética e comunicativa do cotidiano dos humanos da época, também podem representar uma ilustração mística de seus desejos e crenças. Como entende Duarte (2013, p. 154):

Realizar um estudo sobre arte rupestre, buscando inferir a questão do rito, do mito e do sagrado no ato da sua produção, implica estudar sobre as ideias e as crenças religiosas desse homem pré-histórico que possuía uma consciência dotada de inteligência. E já era capaz de fazer uma relação entre ele mesmo e o outro ser considerado o Senhor criador de todas as coisas, que poderia ser representado por um animal ou por qualquer elemento da natureza. Tendo em vista que os documentos arqueológicos não tenham registros das manifestações religiosas a partir das crenças e das ideias dos primeiros seres humanos.

Ainda segundo Duarte (2013, p. 146-147), o homem pré-histórico sofreu uma mudança em sua caixa craniana que lhe proporcionou a ascensão de alguns sentidos e tarefas, em relação aos demais primatas, resultando, conseqüentemente, na presença da racionalidade, consciência, moral e outros atributos, como o amor e o ódio. Desse modo, a busca do homem primitivo pelo transcendente, os registros e rituais desenvolvidos como forma de culto e garantia de proteção e prosperidade, pela ajuda dos seres/forças/fenômenos superiores, se dão através das mudanças biológicas e sociais enfrentadas no decorrer da evolução no Paleolítico.

Em contrapartida, as versões criacionistas apresentam o surgimento do homem e da religião como eventos simultâneos, já que o(s) ser(es) supremo(s), ao criar homens e mulheres, estabelece(m), desde esse momento, a relação do divino com a humanidade. As diversas religiões existentes apresentam acontecimentos e atores distintos, quanto à criação do mundo e dos seres humanos. De um modo geral, elas podem ser classificadas em monoteístas e politeístas, ou seja, aquelas que estabelecem a crença e devoção a apenas um deus, e as que acreditam e cultuam a existência de vários deuses. Sendo assim, segundo o criacionismo, o processo de originar coisas e seres é fruto de ações solitárias ou coletivas do divino, onde cada religião expressará narrativas próprias, apesar de, em certos casos, haver elementos e/ou episódios em comum.

Para os fins da pesquisa em questão, sabendo da vastidão das narrativas sagradas que relatam o surgimento do homem, abordaremos unicamente a versão bíblica do criacionismo. Nela, após Deus ordenar o surgimento do mundo físico, mineral, vegetal e animal, ao sexto dia, após a origem dos animais terrestres, como último ato de sua criação, formou Deus, do pó da terra, o aspecto do homem e lhe soprou às narinas, dando-lhe vida (Gn 2,7). A mulher, por sua vez, foi criada por Deus a partir de uma das costelas de Adão, quando este foi por Ele³ acometido de um profundo sono, (Gn 2,21.22). Esses atos foram anteriormente previstos na

³ Mantivemos o uso da inicial maiúscula nos pronomes relativos à Deus e Jesus Cristo, acompanhando o costume de escrita, em respeito ao tradicionalismo cristão em torno dessa sinalização.

reunião da trindade divina, Pai, Filho e Espírito Santo, relatada no primeiro capítulo da Bíblia Sagrada:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. (Gn 1,26.27)

Desde o princípio, o homem, à semelhança de Deus, desfrutou de um íntimo relacionamento com o divino, ainda que, neste período, não houvesse a determinação de processos ritualísticos de culto. Mesmo depois da expulsão do casal do jardim do Éden, onde entende-se que havia o costume de se encontrarem com Deus ao final do dia (Gn 3,8), em decorrência ao descumprimento de uma ordem divina, é relatado a partir do quarto capítulo a prática de oferecer ofertas a Deus, através da narrativa de Caim e Abel. No entanto, apenas ao final do capítulo 4 é explicitado o começo da invocação ao nome do Senhor. Esse ato pode significar o início dos agrupamentos dos homens para a realização de cultos e manifestações públicas de fé, em uma busca ativa pela presença e ação sobrenaturais.

2.2 Cristianismo e perseguição religiosa

O texto sagrado do cristianismo é a Bíblia Sagrada, dividida entre Antigo Testamento e Novo Testamento. Segundo os relatos dos evangelhos, Jesus Cristo, Deus Filho encarnado, nascido de uma virgem chamada Maria, por ação sobrenatural, morto crucificado por volta de seus 33 anos de idade e ressuscitado ao terceiro dia, é o messias profetizado no Antigo Testamento como o salvador da humanidade de sua condição corrompida e longe de Deus. Sendo Ele mesmo o único caminho ao Pai e o seu sangue a aspersão expiatória que livra, o que nEle crer, da condenação eterna como consequência da queda espiritual e a contaminação do mundo pelo pecado, relatado em Gênesis. Segundo o Novo Testamento, mesmo com sua ascensão aos céus, Jesus, pelo atributo divino da onipresença, se mantém em contato com todos os seus seguidores, como prometeu: “Eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos. Amém!” (Mt 28,20b), e um dia voltará para juízo e redenção dos homens, e governança da Terra.

O cristianismo nasce no século I, no Oriente Médio, nos tempos em que o governo do Império Romano dominava Israel, com a consagração pública de Jesus em seu batismo, no rio Jordão, realizado por João Batista, seu precursor. Jesus e os 12 apóstolos passaram a pregar o arrependimento para perdão de pecados e a condenar a hipocrisia dos líderes religiosos da época. Sua mensagem consistia nas boas-novas que o Reino de Deus era chegado aos homens. Por contrariar várias práticas e interpretações dos grupos religiosos dominantes, os principais sacerdotes, escribas e fariseus, foi perseguido e condenado a morte. Esse fato, no entanto, não desanimou a crescente onda de conversão cristã, já que ao ressuscitar, Jesus lembrou das profecias e do que Ele mesmo alertava sobre a necessidade de sua morte, para o cumprimento do plano redentor e reconciliador de Deus.

A perseguição aos ensinamentos de Jesus foi por Ele predita como inevitável, enquanto encorajava seus seguidores a perseverar na fé:

Se o mundo vos aborrece, sabeis que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim. Lembrai-vos da palavra que vos disse: não é o servo maior do que o seu senhor. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardarem a minha palavra, também guardarão a vossa. Mas tudo isso vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou. Mas é para que se cumpra a palavra que está escrita na sua lei: Aborreceram-me sem causa. (Jo 15,18.20.21.25)

Os primeiros passos da igreja primitiva e as afrontas que enfrentaram, como a prisão de Pedro e João, o apedrejamento do primeiro mártir cristão, Estêvão, e a primeira morte entre os doze apóstolos, a de Tiago, irmão de João, estão relatados no livro de Atos dos Apóstolos, na Bíblia. Além dela, diversos documentos atestam a perseguição aos seguidores dos ensinamentos de Jesus ao longo da história. Nos primeiros quatro séculos, os cristãos, assim chamados pela primeira vez os discípulos de Jesus em Antioquia (At 11,26), sofreram a ação contrária, progressivamente, dos romanos e suas autoridades. Eles aborreciam as condutas religiosas desse grupo por não adorarem seus deuses culturais e se recusarem a fazer cultos e oferendas aos tais, como também pelo desconforme trato ao Seu Deus, a honra a uma divindade sem aparência conhecida ou nacionalidade. Como explica Silva, D. (2011, p. 31):

As perseguições eram causadas pela rejeição a algo inclassificável, anormal. E para justificar as ações persecutórias, os romanos lançavam mão de argumentos tradicionais, como o respeito aos *mos maiorum* (“o costume dos ancestrais”) e o respeito à unidade religiosa e moral da coletividade.

Desse modo, costumavam atribuir aos cristãos a causa de desastres naturais e outros males, pois acreditavam que esses eventos lhes sobrevieram pelas “afrontas” desses aos deuses romanos. A fidelidade dos seguidores de Cristo a um só Deus também desagradou as autoridades romanas, pois não mostravam plena obediência a todos os costumes do Império. Essa postura era temida pelo medo de promover a rebeldia contra as ordens desses superiores, panoramas apresentados por Silva, D. (2011, p.30). Os cristãos, inclusive, desaprovaram a instituição do “culto imperial”, cerimônia que definiu a adoração ao imperador como um deus encarnado, onde o imperador Diocleciano estabeleceu na corte a ordem dos súditos curvarem-se perante ele e beijarem a barra de sua veste. Ele, portanto, em 303 d.C., dá início ao período conhecido como “Grande Perseguição”, sintetizado por Steinwascher Neto (2015, p. 162, grifos do autor):

Ele promulgou quatro *edicta* entre 303 e 304 d.C., que proibiam o culto cristão, determinavam a pena de morte aos cristãos perseverantes na sua fé (*confessores*), ordenavam a destruição de basílicas e igrejas, a incineração das Escrituras, a destituição dos cristãos de cargos ou dignidades oficiais, confisco de seus bens, a impossibilidade de demandar em juízo e, por fim, impunham os sacrifícios aos deuses do Império, sob pena de execução.

A história das ondas persecutórias pelo Império Romano, onde praticar os ensinamentos de Jesus era considerado ilícito com penas que poderiam chegar à morte para aqueles que não apostatassem, com diversos episódios de injustiça e crueldade extremas, como a execução de cristãos queimados, devorados por cães ou crucificados por mando de Nero no ano 64 d.C., com base na falsa acusação, feita pelo imperador, de serem os responsáveis pelo incêndio que devastou parte de Roma, aponta para a tradição de certas condutas intolerantes aos cristãos ao longo dos anos (SILVA, D., 2011). No entanto, a fé em Jesus foi enfim legalizada pelos romanos no ano 313 d.C., depois da publicação do Edito de Milão, um acordo para conceder ampla liberdade religiosa a qualquer pessoa, de qualquer crença, entre os imperadores Constantino – administrador da parte ocidental do Império – e Licínio – administrador da parte oriental (STEINWASCHER NETO, 2015).

Esse ato legislativo inédito é um marco para a liberdade religiosa e a laicidade do Estado. Ele garantiu a proteção à fé e ao culto cristão, bem como aos bens de seus seguidores e aos locais de reunião, também estabelecendo que os mesmos, anteriormente tomados e vendidos, ou doados, a outros pelo Império Romano, fossem devolvidos aos seus primeiros donos, igualmente propriedades privadas e de assembleia. No entanto, Licínio

posteriormente retoma políticas de repressão à fé cristã, ignorando as disposições do edito. Mas, em setembro de 324 d.C., Constantino ao derrotar Licínio torna-se o único imperador e traz novamente a liberdade religiosa para a parte oriental do Império, inclusive restituindo aos cristãos os bens antes confiscados (STEINWASCHER NETO, 2015).

Apesar desse gigantesco progresso, e de várias medidas adotadas por governos para garantir a tolerância à fé até o presente momento, com louvor ao documento conhecido por “Declaração Universal dos Direitos Humanos”⁴, proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, estabelecendo em seu artigo 18 que: “Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular”, a perseguição ao livre exercício religioso ainda é uma realidade em diversas partes do mundo.

De acordo com pesquisas da ONG Portas Abertas, a estimativa é que um em cada sete cristãos, em todo o mundo, enfrenta perseguição “extrema, severa ou alta”. Além disso, mais de 360 milhões de cristãos sofrem elevada perseguição por causa de sua fé atualmente.⁵ Segundo dados da organização católica Aid to the Church in Need (ACN), em relatório de 2021, “a liberdade religiosa é violada em quase um terço dos países do mundo (31,6%) onde vivem dois terços da população mundial”⁶. Por conseguinte, mostra-se necessária a comunicação desses fatos além das fronteiras onde ocorrem, considerando a ignorância que ainda se mantém sobre o tema em países com tais liberdades garantidas, na perspectiva de manutenção da tolerância e estímulo ao debate público sobre ações que promovam os direitos individuais, conquistados ao longo de séculos de resistência.

3 COMUNICAÇÃO E RELIGIÃO

3.1 Jornalismo e religião na web

A popularização da internet, e de suas mídias, acrescentou à maneira como nos comunicamos, meios, técnicas e alcances virtuais muito mais abrangentes e participativos, para os mais diversos temas do interesse humano. Instaurou, por conseguinte, uma nova fase para o ideal de democratização da informação, disponibilizando vias de criação de conteúdos (seja em texto, áudio e/ou vídeo) e acesso a canais de divulgação em massa. Até o final do século passado, as possibilidades comunicativas, em produção e distribuição de informações, se restringiam às mãos de uma pequena elite, enquanto que, a partir da revolução desse novo meio, o modelo socialmente limitado sofreu mudanças significativas:

Com a internet, esse quadro se altera, na medida em que a Rede torna acessíveis, sem a exigência de grandes investimentos, um meio de produção e, principalmente, distribuição de informações. Da mesma forma, a censura se torna cada vez mais difícil, na medida em que as informações podem partir de múltiplas fontes. Assim, “aqueles que anteriormente tinham que se fazer representar por meios de comunicação de massa, começam agora a se representar por si mesmos” (WESTON apud MONTEIRO, 2001, p. 32-33).

Certamente, uma das mais intrigantes características da internet se dá pelo maior empoderamento do usuário ante o que a ele é apresentado. Ou seja, nos espaços de informações e variedades de mídias, acessados através desse meio, cada pessoa pode traçar

⁴ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso: 07 mar. 2022.

⁵ Disponível em: <https://portasabertas.org.br/lista-mundial/destaques>. Acesso em 24 jan. 2022.

⁶ Disponível em: <https://acninternational.org/religiousfreedomreport/pt/main-findings/>. Acesso em 15 fev. 2022.

caminhos distintos, dependendo de seus interesses pessoais, como também modificar a vastidão dos conhecimentos disponíveis acrescentando produções próprias (através da criação de sites ou perfis em redes sociais, por exemplo) e influenciando outros produtores de conteúdo por meio de reações rápidas (curtir ou não curtir) e comentários e respostas aos seus “produtos”. Como bem resume Monteiro (2001, p. 33, grifos do autor), referenciando os pensamentos de Dizard e Castells, em relação às possibilidades igualitárias de comunicação na internet:

A primeira implicação disso é que a comunicação “um-todos” (característica da comunicação de massa) dá lugar à uma outra, na qual existe a “oportunidade de falar assim como de escutar. Muitos falam com muitos – e muitos respondem de volta” (DIZARD, 2000: p. 23). Em outras palavras, com a possibilidade de assumir o controle da tecnologia, “usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa” (CASTELLS, 1999).

Ainda que saibamos da existência de uma grande parcela popular sem condições básicas de acesso à rede mundial de computadores, o que causa um fenômeno de exclusão informativa/comunicativa digital, que tanto afeta os que não podem financeiramente ou geograficamente desfrutar de livre disponibilidade, ou não estão devidamente instruídos a utilizar a internet, também permanece verdadeiro o fato de que, por meio dela, hoje grande parte da civilização tem experimentado um avanço considerável, e gradativo, no ingresso ativo de usuários de distintos credos, etnias e classes sociais nesse espaço “universal” de comunicação e expressão, realizando importantes transformações de cunho social. Seja na “completa” quebra das barreiras geográficas, com tecnologias que permitem falar, ouvir, mostrar e ver simultaneamente outra pessoa do outro lado do globo, facilitando o acesso direto a culturas e situações muito diferentes da própria, ou mesmo para o favorecimento da educação e informação formal/informal de pessoas, na troca “infinita” de conteúdos proporcionada pela Web.

O jornalismo tampouco ignorou essa revolução comunicativa. Inicialmente, ainda na década de 1990, as empresas jornalísticas costumavam “transportar”, parcialmente ou totalmente sem alterações, as versões impressas de seus noticiários para a internet (RASÊRA, 2010). Não havia a preocupação em disponibilizar um material novo, adequado à linguagem do meio, nem em fazer uso de recursos mais avançados, que estavam a se desenvolver. Contudo, atualmente os veículos de imprensa já possuem um sólido conhecimento, adquirido através do estudo de várias experiências, casos de sucessos e aprendizados, ao longo destes anos de expansão digital, que os permitem aprofundar e transformar oportunidades narrativas, imersivas e interativas do jornalismo online.

Em constante aproximação com as tecnologias comunicativas, o discurso religioso também está a expandir suas fronteiras por meio da internet. Historicamente, observamos que as revoluções na forma de ampliar o conhecimento das pessoas e facilitar a troca de informações tem servido à fé cristã para fazer conhecida a mensagem do evangelho, como aconteceu com a famosa “Bíblia de Gutenberg”, um caso de grande sucesso pela invenção da imprensa. Vários seguidores de Cristo e organizações cristãs que trabalham com a comunicação midiática dos ensinamentos de Jesus, testemunhos de convertidos e informações especializadas têm ampliado seus canais pela internet, ou mesmo utilizado exclusivamente esse meio.

Considerando os fatos, podemos estabelecer uma relação crescente entre a prática do jornalismo e o favorecimento da comunicação direcionada ao nicho religioso, no caso, cristão, através da web. Em grande parte, esse desenvolvimento se dá pelo suporte do jornalismo especializado, que tem como objetivo produzir e publicar conteúdos direcionados e aprofundados em uma determinada área de interesse. Como explica Abiahy (2005, p. 01-02),

“A lógica de diferenciar as produções informativas, por um lado atende às estratégias econômicas das empresas comunicativas, mas também democratiza a escolha do público. É então, um jogo que substitui a massificação pela personalização.” Com isso, é possível suprir a carência de informações específicas, enquanto aproxima e fideliza usuários com crenças e “paixões” em comum.

Desse modo, nas diversas esferas de especialização jornalística irá manifestar-se, também, o jornalismo direcionado para a cobertura religiosa. Tanto estabelece a apropriação de conhecimentos específicos em determinados assuntos, quanto se mune de efeitos e linguagens próprios de um grupo, possibilitando uma identificação mais avançada entre o consumidor da notícia e os interesses do veículo informativo. Isso tende a gerar um apreço maior ao canal noticioso e facilitar a fidelização do leitor/ouvinte/espectador, por se mostrar mais alinhado com suas preferências. Inclusive, observamos nesse tipo de jornalismo um afastamento a algumas limitações ou técnicas tradicionais, como também o comprometimento de certa lógica “imparcial”, obviamente não para prejudicar a verdade objetiva dos fatos, mas oportunizando formas narrativas, interpretativas e opinativas mais peculiares do que a versão generalista.

O atual cenário do jornalismo religioso está intimamente ligado ao entendimento da importância da comunicação pelos produtores desse conteúdo. Como expõe Silva, A. (2017), seja internamente ou para o público geral, as empresas religiosas passaram a compreender a necessidade de ferramentas que possibilitem a interação com públicos-alvo e, por meio de assessorias de imprensa, as instituições tornaram-se produtoras de conteúdo, ultrapassando a limitada atuação como “fonte” jornalística. Portanto, ações ativas de divulgação se estabelecem como realidade para diversas organizações e empresas religiosas, ao passo que estas reconhecem as constantes transformações sociais, e buscam firmar posição nas variadas mídias decorrentes dos processos evolutivos da nossa interação, sem excluir o ambiente digital.

3.2 Ciberespaço e YouTube como plataformas da fé

Esse novo cenário da comunicação humana, relativo ao desempenho da internet, projeta seus próprios canais. Dentre eles, se destacam as chamadas mídias sociais que, em suma, são ferramentas digitais de interação interpessoal e compartilhamento de conteúdo. Nelas, os usuários têm, geralmente de forma gratuita, o acesso a mecanismos que permitem concretizar ideias criativas, artísticas e/ou informativas, nos gêneros disponíveis em cada plataforma (texto, áudio, vídeo... em vários casos, há misturas entre eles, porém, cada uma apresenta um gênero de destaque) e nas linguagens mais adequadas. Segundo Rasêra (2010, p. 08) “Qualquer um que esteja envolvido hoje com essas incríveis tecnologias e pense no impacto que elas provocarão amanhã, deve aceitar o conselho de redirecionar sua visão de mundo para a questão do relacionamento.” O universo de interligações dessas redes concentra-se e expande-se nas relações sociais que partilham o virtual e o real. A conexão de ideias, crenças e informações nos espaços da web nos levam a um novo senso cultural.

Considerando os fatores informativos e persuasivos da comunicação religiosa, podemos entender que o âmbito onde situam-se as comunicações na rede mundial de computadores também apresenta grandes oportunidades para a distribuição e conversação dos princípios doutrinários. Assim, os fiéis cristãos apropriam-se desses meios para a continuação do mandamento bíblico de evangelismo universal (Mc 16,15), valorizando a adaptação as possibilidades e demandas comunicativas da atualidade, enquanto fazem uso da web para alcançar o maior número de pessoas, independentemente dos fatores distintivos. Apresentando, desse modo, relação direta com algumas características da cibercultura, onde o comportamento virtual dos indivíduos propõe, em geral, a coletividade entre os diferentes por

meio do compartilhamento de experiências e conhecimentos. Essa tendência predispõe um aumento da empatia por situações distantes da realidade particular. Ao citar o pensamento do sociólogo Michel Maffesoli, Maia (2005, p. 79) sintetiza em seu artigo: “Quando Maffesoli diz que o mundo é um conjunto de referências que eu partilho com outros está enobrecendo a força da sociabilidade que costura firmemente as redes de solidariedade que solidificam as estruturas culturais”.

Entretanto, mesmo a potencialidade desses processos comunicativos possui contradições, como reflete Santos (2020, p. 60), fazendo uso de reflexões de Bauman:

Numa sociedade hedonista e individualista na qual a cultura do ‘eu’ prevalece, o cerne reside na liquidez das relações (BAUMAN, 2015), cada vez mais superficiais, ocasionando que os indivíduos se aproximem de quem está distante e distanciem-se daqueles que estão perto. Desta forma, a Igreja tem nas plataformas do ciberespaço a oportunidade de envolver-se e aprimorar o elo de comunicação entre Ela, Jesus Cristo e seus fiéis.

Consequentemente, os fiéis que utilizam da internet para reforçar as relações entre si, sabendo da possibilidade de transmitir mensagens e expressar sentimentos a pessoas alheias às realidades particulares de determinados grupos ou localidades, podem estabelecer novos contatos e estimular a perseverança em uma crença específica. A busca pela liberdade de informação e possibilidade de fé atualmente, consegue usufruir do ciberespaço como um fenômeno de introdução às conexões dos processos evangelísticos, aos “de fora”, e compartilhamento de experiências e pedidos aos “de dentro”. O ciberespaço se apresenta como um “território” sem hierarquias ou fronteiras, onde a comunicação ultrapassa as barreiras unilaterais de um emissor para um receptor, havendo, assim, a troca de funções de forma bidirecional (SANTOS, 2020).

No contexto das mídias sociais destaca-se uma plataforma que tem como carro-chefe o audiovisual e que dispõe de elementos bastante interativos, apresentando a possibilidade de trocas de comentários e realização de transmissão ao vivo, onde também é possível comentar em tempo real e influenciar o direcionamento do assunto, ou ter suas dúvidas respondidas. O YouTube foi criado em 2005 e atualmente configura-se como uma das mídias sociais mais populares do mundo. Nele é possível ter acesso a uma infinidade de vídeos, dos temas mais diversificados, como postar suas próprias produções sem retribuir qualquer quantia por esses serviços. Podendo, inclusive, receber dinheiro através dos seus vídeos, o que depende de parâmetros específicos determinados pela empresa, em um processo de monetização⁷. Mas também existe a versão paga do YouTube, a Premium, é uma opção para quem não quer ser interrompido por anúncios publicitários, há ainda outra possibilidade de contratação do serviço voltado à música, o YouTube Music.

O propósito de disseminação dos ideais cristãos também encontrou formas de utilizar essa plataforma em favor da evangelização, da propagação de informações religiosas especializadas e manutenção da fé. Em tempos de pandemia pelo Covid-19, especialmente, o trabalho que já era feito por muitos líderes religiosos, ou seguidores do evangelho sem títulos de cargos, foi impulsionado, de forma geral, pela procura por auxílio espiritual durante uma situação alarmante de saúde pública e de instabilidade econômica, social e política, onde houve por diversas vezes o enfraquecimento ou proibição de cultos presenciais, como medida sanitária para a contenção da contaminação pela nova variante do Coronavírus. Outros, por esses motivos, passaram a integrar a rede social para não deixar os membros de suas igrejas

⁷ Seguindo as políticas de monetização do YouTube e os limites de qualificação da plataforma, é possível receber quantias em dinheiro segundo as normas criadas pela mídia social, que incluem a observação das quantidades de seguidores do canal e de horas de exibição dos vídeos.

sem suporte. Casos como esse demonstram a importância da aplicabilidade das manifestações de fé no ambiente virtual da web. Como sintetizam Martins e Rivero (2019, p. 13):

O entendimento é de que a internet também é um espaço de comunhão que chama a comunidade religiosa a ser mais unida e ligada. As redes sociais, auxiliadas pela fluidez e espaços interativos, atuam como agentes da circulação dos discursos; para a religião, tornam-se protagonistas no processo de interação e circulação do campo religioso. As redes sociais, enquanto um sistema digital interconectado, são micromanifestações desse campo religioso. As igrejas cristãs se adaptaram às mídias, começando pelas eletrônicas, como rádio e televisão, e depois migraram para as digitais, com a internet e suas redes sociais, sobretudo Facebook e YouTube, como estratégia de evangelização, pois é possível alcançar um número maior de pessoas.

Haja vista a capilaridade das “novas mídias” na propagação dos ensinamentos e acontecimentos relevantes aos fiéis, e aos que procuram alcançar, sendo evidenciado o fator de escape, como ação alternativa à mídia convencional (com preços, às vezes, inacessíveis, formatos enrijecidos e pautas pouco exploradas, quando não ignoradas), podemos então compreender mais firmemente a posição de poder que tais invenções tecnológicas, mídias sociais e mecanismos democratizadores de comunicação estabelecem em comunidades em rede. Como expressa Santos (2020, p. 63) “As redes sociais virtuais tornam-se cada vez mais parte do tecido da sociedade enquanto unem as pessoas na base de necessidades fundamentais e passam a ser alimentadas por aspirações radicadas no coração do homem.” A ambição natural ao fortalecimento das relações sociais, das trocas de sentidos, experiências e emoções, conecta-se, diretamente, com os anseios das comunidades de fé, onde seus membros aproveitam do ciberespaço para a prática do encorajamento mútuo. Tais desejos podem vir a ser contemplados pelas produções disponibilizadas através das mídias sociais, tendo por exemplo o produto objeto desta análise, onde, por meio da liberdade da linguagem documental, situações particulares são compartilhadas criando empatia e estreitando vínculos sociais

3.3 A subjetividade no jornalismo documental

Os formatos jornalísticos têm por responsabilidade o caráter informativo, que apresenta os fundamentos que asseguram a pertinência da publicação do fato escolhido, através da construção noticiosa. Para esse propósito, lança-se mão de variados gêneros comunicativos, observando o tipo de narrativa desejada, resultados esperados, as condições básicas e técnicas de produção, tempo e profissionais disponíveis, entre outros. O que é comum a todos, no entanto, é a relação de intencionalidade entre o jornalista/autor e a obra a ser produzida. A depender do assunto e da maneira como deseja, ou precisa (havendo de lembrar a questão da hierarquia nos ambientes de trabalho, ou seja, a vontade do autor, em relações empregatícias, não é plenamente livre, mas condicionada a uma abordagem predeterminada por seus superiores), reportar determinado fato, ele irá estabelecer tanto formato quanto ângulo da mensagem, que pode manifestar uma roupagem muito mais autoral em um gênero, do que em outro. Em contrapartida com o controverso “ideal” de imparcialidade, o documentário representa um escape ao tradicional modo de abordar as pautas, dando vazão, muito mais explicitamente, a subjetividade jornalística. Como argumentam Melo, Gomes e Morais (2001, p. 5):

[...] o documentário é um gênero fortemente marcado pelo “olhar” do diretor sobre seu objeto. Ao contrário do que ocorre com os demais gêneros jornalísticos, nos quais se busca uma suposta neutralidade ou imparcialidade, no documentário, a parcialidade é bem-vinda. O documentarista não precisa camuflar a sua própria

subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende. Esse privilégio não é concedido ao repórter sob pena de ser considerado parcial, tendencioso e, em última instância, de manipular a notícia.

Contudo, é preciso garantir que tais características do documentário não descartam a ética nem a credibilidade do trabalho jornalístico, sabendo da necessidade de apresentar histórias, questões, narrativas etc., em uma construção de sentidos a partir de interpretações e interesses particulares, que não deturpe a realidade, nem atente contra a verdade factual. Desse modo, a amplitude da liberdade disponível nesse gênero, para a composição do autor, mostra-se como um benefício para o público-alvo, especialmente ponderando que se trate de um conteúdo especializado.

Portanto, são as variações temáticas que irão estabelecer os tipos de documentos (neste caso, são conteúdos diversos, em proposta e modelo midiático, que dão suporte noticioso) a serem utilizados para apresentar/argumentar certa mensagem. Enquanto um documentário científico utilizará prioritariamente documentos materiais – aqueles que possuem, previamente, suporte material por já terem sido produzidos – os de cunho social tendem a valorizar mais depoimentos, ou seja, os relatos – imateriais (MELO, GOMES E MORAIS, 2001). Essa “licença” para a subjetividade do fazer jornalístico no documentário pode ser ainda melhor utilizada em canais independentes, como os possibilitados por algumas mídias sociais onde há prevalência do vídeo sobre outros gêneros, por exemplo.

De acordo com Nichols (apud OLIVEIRA E MARQUES, 2016), há seis tipos de documentários. O poético tem influência da vanguarda e aborda recortes históricos através de uma nova visão. O documentário expositivo, por sua vez, é o ideal para compartilhar informações; trata de questões sociais a partir de um ponto de vista ideológico. Quando o cineasta apenas capta as imagens do que ocorre em determinado lugar, temos um documentário observativo. O tipo participativo contradiz a lógica anterior pela atividade direta do cineasta, fazendo com que o espectador perceba a experiência do documentarista naquele acontecimento. Já o documentário reflexivo usa da psicologia para levar aquele que o assiste a questionar o que está sendo exposto pelo próprio documentário. Por último, temos o documentário performático, trata de temas relativos a minorias sociais com o intuito de ir além de pensamentos tradicionais preconcebidos.

Além desses aspectos, a construção de uma linguagem documental também requer a utilização de mecanismos visuais comuns as produções em vídeo, como os planos. Dentre os principais, temos, segundo Schuch, Vieira e Gonçalves (2014): grande plano geral – visão ampla, situa o espectador dando o máximo de informação visual; plano geral – apresenta o local onde o personagem está, mostrando-o de corpo inteiro; plano médio – enquadrando o personagem da cabeça até a cintura, possibilita enxergar aspectos como expressões faciais, a observação do cenário passa a ser secundária; plano médio curto – o ângulo de corte está à altura do peito, revelando maior expressividade facial; plano americano – enquadra o personagem um pouco acima ou abaixo dos joelhos, usado para dar ênfase as expressões corporais; primeiro plano – sentimentos em evidência pela proximidade do rosto, ângulo de corte até o pescoço; plano detalhe – enquadra partes específicas do corpo ou de objetos que são consideradas importantes para a narrativa.

Em produções como o documentário alvo desta análise, podemos compreender a utilização de ferramentas tradicionais, como as citadas anteriormente em relação a escolha dos planos, ao passo que também percebemos a influência de fatores próprios a comunicação das mídias sociais. Claramente, a visibilidade de meios menos acessíveis para a população geral, mais acostumada ao rádio e a televisão, faz com que determinadas produções não alcancem tantos grupos. Porém, é viável explorar a tendência crescente das mídias sociais e a facilidade de interação e compartilhamento para levar um documentário realizado sob baixo custo de

produção, ou com temáticas alternativas (pouco exploradas pelos meios tradicionais de comunicação) a um número maior de pessoas. Desse modo, tanto há ganhos em relação a disponibilidade de conteúdos segmentados, e narrativas diferenciadas, quanto ocorre uma democratização que favorece grupos menores de imprensa, assessorias ou produtoras. De forma que consigam, efetivamente, realizar e tornar públicos documentários de boa qualidade, em informação e técnica, com investimentos limitados e publicidade orgânica, como o engajamento de audiências específicas para a popularização de determinado produto audiovisual.

4 PESQUISA E ANÁLISE

4.1 Metodologia

Para a análise da série documental *Faces da Perseguição*, contendo doze episódios ao todo, usamos a metodologia de pesquisa descritiva com o intuito de compreender a narrativa e as estratégias de comunicação empregadas na transmissão da referente mensagem. O recorte de análise compreende os dois primeiros episódios postados, escolhidos de forma aleatória, pelo entendimento que, desconsiderando pequenas mudanças entre os episódios, a forma de transmitir o conteúdo desse documentário não sofre alterações significativas. Desse modo, utilizamos um roteiro de observação, a fim de estabelecer critérios específicos, usados para o estudo de cada episódio isoladamente e, por fim, apresentar o cruzamento dos dados levantados. Tal protocolo foi estabelecido para tornar compreensível o entendimento das evidências de análise, descrevendo as transcrições realizadas durante as observações.

Segundo Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 28) a pesquisa descritiva tem por objetivo:

[...] descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento.

Essa metodologia foi usada segundo abordagem predominantemente qualitativa. Ou seja, considerando o intuito expresso anteriormente, de compreender as estratégias de comunicação da série, e a necessidade de realizarmos uma análise que possibilite a expressão de inferências, segundo a interpretação dos dados obtidos e as discussões teóricas que iniciaram este artigo, cria o limiar para conseguirmos descrever processos e técnicas constituintes dos objetos de análise, bem como suas significações.

O roteiro de observação, por sua vez, compreendeu o detalhamento dos seguintes aspectos: nome do episódio, duração, data de publicação, principais personagens, tipo de narrativa documental, se há participação direta do documentarista (aparições em tela) e estética predominante (planos de imagens e edição, qualidade da imagem). Com essas respostas, conseguimos analisar a mensagem que o documentário transmite através das formas utilizadas por ele, detalhadas anteriormente. Segundo as quais, são apresentados contextos de perseguições cristãs pelas particularidades de histórias individuais, com o intuito de alcançar os objetivos propostos pelos produtores.

4.2 Portas Abertas

Com mais de 60 anos de atuação na ajuda aos cristãos perseguidos, a organização internacional *Portas Abertas* é uma das fontes mais respeitadas, e requisitadas, para munir jornais de informações pertinentes à discriminação religiosa aos seguidores de Jesus em todo o mundo. Seu trabalho não provém ou manifesta apoio a uma única denominação cristã, mas

se baseia na interpretação da Bíblia Sagrada, seguindo um cunho protestante. Foi fundada pelo missionário holandês Anne van der Bijl, conhecido como irmão André, e também chamado de “o contrabandista de Deus” (título da obra literária que conta sua história), que durante a Guerra Fria se arriscou para levar Bíblias além da “Cortina de Ferro”. No Brasil, a iniciativa estabilizou-se em 1978, atualmente tem sede em São Paulo e opera com um envolvimento superior a 40 colaboradores, além de voluntários e parceiros.

A ONG atua efetivamente em mais de 60 países onde há o cerceamento ao livre exercício da fé cristã e, segundo dados do site oficial, o “apoio é planejado com base em quatro frentes: distribuição de Bíblias e literatura, treinamentos, ajuda socioeconômica e ações institucionais (consultoria jurídica, pesquisa e presença)”⁸. Nos países onde os fiéis cristãos tem liberdade para servi-lo, a Portas Abertas atua na comunicação da realidade de perseguição em outros países, conscientizando e pedindo apoio espiritual (em orações) e financeiro (através de doações). A organização se mantém a partir de contribuições voluntárias e da venda de uma revista mensal, de mesmo nome.

A Portas Abertas também é responsável pela chamada “Lista Mundial da Perseguição (LMP)”, onde há o ranqueamento dos 50 países de maior perseguição aos cristãos, lançada anualmente. Provavelmente, a LPM seja a pesquisa mais popular da instituição, contudo, ela lançou no seu canal do YouTube, em 2020, um projeto novo: a série documental Faces da Perseguição, contendo doze episódios, onde vítimas da intolerância a fé em Jesus testemunham situações vividas em variados países. Produzida pela Portas Abertas da Alemanha, foi adaptada para nossa língua pela equipe brasileira e faz parte de uma iniciativa global de divulgação sobre a causa dos cristãos perseguidos atualmente.

Por sua vez, a comunicação das Portas Abertas une aptidões de assessoria de imprensa e jornalismo de nicho em torno do discurso cristão, especializado em tratar da perseguição à igreja. A segmentação de seus conteúdos informativos, com efeito, promove uma comunicação mais assertiva, combatendo a desinformação em relação ao tema e utilizando uma maneira própria de transmitir a mensagem de apoio aos cristãos perseguidos. Onde apresenta uma linguagem que se relaciona diretamente com o grupo sobre o qual fala (cristão), aproximando aqueles com interesse prévio no assunto, ou seja, o público-alvo, ao mesmo tempo que mantém uma redação inclusiva, procurando a simplicidade das palavras e a firme exposição de fatos para argumentar a favor da causa, o que facilita a compreensão por pessoas alheias à temática.

4.3 Análise: episódio 1

Intitulado “O nome sobre todo nome – pastor atacado na Indonésia”, foi publicado em 08 de junho de 2020, contendo 21 minutos e 41 segundos, pelo canal do YouTube “Portas Abertas”. O principal personagem é o pastor Michael, ele narra suas experiências de conversão e ministério pastoral, bem como a tentativa de assassinato que sofreu por intolerantes ao cristianismo, enquanto prega o perdão e amor entre as pessoas. Oficialmente, a Indonésia garante a liberdade religiosa aos seus cidadãos, contudo, episódios de desafeição e hostilidade entre as pessoas, de forma geral, para com os cristãos não são raros. Apesar disso, Michael continuou a pregar suas convicções e tentar converter outros a fé cristã por meio de suas palavras, inspiradas na Bíblia Sagrada; contudo, em uma manhã ele foi atacado na casa pastoral e recebeu diversos golpes de facões. O ocorrido lhe deixou marcas no rosto e corpo, porém não foi o bastante para tirar-lhe a vida ou restringir seu perdão. Ele afirma que não quer vingança, mas que permanece amando a todos.

⁸ Disponível em: <https://portasabertas.org.br/sobre-nos/nosso-trabalho>. Acesso em 21 jan. 2022.

O relato desse pastor é apresentado através de uma linguagem simples, de fácil compreensão. Trata-se de uma estratégia eficaz quando o desejo é transmitir uma mensagem por mídias sociais, onde há um alcance “ilimitado” de pessoas, evitando distorções e ruídos de comunicação. As relações no ciberespaço não compartilham de um ambiente físico comum, mas no campo das ideias elas podem, e tendem, a se tornar mais fortes. Por isso a importância do detalhamento didático de uma mensagem, potencializando seu compartilhamento e adesão à causa.

O modelo de documentário enquadra-se no modo expositivo, onde, como exposto anteriormente, prevalece a comunicação de fatos sob uma perspectiva ideológica. A disposição de informações em uma linguagem jornalística especializada também considera a necessidade de personalização da notícia, democratizando a escolha popular, como expressou Abiahy (2005). Aqui, esse cuidado promoveu a atração do público-alvo, enquanto o impactava com uma narrativa próxima aos seus interesses de fé. Não há aparições do documentarista em tela, no entanto é utilizado o recurso conhecido como “voz over”, ou “voz de Deus”, onde ouvimos a narração de alguns acontecimentos e dados através das palavras de um homem, que não tem sua identidade revelada expressamente, enquanto imagens em preto e branco são mostradas na tela (nem sempre essas fotografias acompanham a voz over, às vezes elas são exibidas enquanto o personagem está falando).

As filmagens apresentam boa nitidez e estabilidade, a maioria são em estúdio. Mesmo com a dublagem em português, pois o personagem é indonésio, em alguns momentos a voz do pastor é sobressaída para conseguirmos ouvir seu idioma e entonação. Os planos mais utilizados foram, segundo estimativas aproximadas: americano (cerca de 18 vezes), médio curto (13 vezes) e primeiro plano (12 vezes). Apesar do plano geral também aparecer com frequência, percebemos a utilização proeminente de planos que valorizam expressões faciais e corporais, no intuito de destacar os sentimentos revelados pela linguagem física do personagem. Neste episódio, o primeiro plano é evidenciado provavelmente para dar enfoque as cicatrizes no rosto do pastor, enfatizando as marcas da tentativa de morte sofrida por ele. No canto inferior direito da tela é possível ver o símbolo da Portas Abertas, a forma de um peixe. Segundo alguns relatos históricos esse desenho é atribuído aos cristãos perseguidos porque, antigamente, havia uma espécie de “código secreto” onde alguém fazia um arco no chão e se o outro o completasse, constituindo o símbolo de um peixe, significava que não havia perigo ali, pois a outra pessoa também era cristã e podiam falar abertamente sobre a fé que possuíam.

Print screen 1 – recorte de cena do episódio 1



Fonte: “Faces da Perseguição”, Youtube

4.4 Análise: episódio 2

Publicado em 15 de junho de 2020, com duração de 22 minutos e 36 segundos, o segundo episódio tem como nome “Quem nos separará do amor de Cristo? – O testemunho de uma viúva nigeriana”, igualmente postado pelo canal do YouTube “Portas Abertas”. A personagem principal é Damaris, uma viúva que perdeu seu marido em um conflito entre cristãos e muçulmanos em 2010 e, por sua fé, ela testemunha que a pesar das dores de perder o companheiro, é possível perdoar e buscar a paz entre os fiéis das duas religiões. O documentário explica que no país o grupo terrorista Boko Haram tem atuado fortemente contra o governo e os seguidores de Cristo. A personagem conta que por amar muito seu esposo, quando soube de sua morte disse “tudo acabou para mim”; no entanto, ela não se deixou tomar pelo ódio e lutou contra a mágoa de seu coração, orando e aceitando ajuda. A situação da Nigéria é um exemplo da manutenção do radicalismo intransigente na atualidade. Mesmo com os avanços em atos legislativos de grande valor histórico, como os que estudamos ao princípio, que promoveram o convívio pacífico entre religiosos diferentes, a perpetuação de atos contra a vida, propriedade e honra, motivados por discordâncias de crença, ainda são realizados com certa regularidade e grande proporção em muitos países.

Possivelmente, a internet é um dos meios mais apropriados para mostrar esse tipo de realidade. Ela possibilita a interação constante entre criador e espectador (papéis facilmente alternados) e estabelece um ambiente convidativo ao debate, promovendo temas que irão pautar discussões no campo virtual, tendendo a extrapolar para o mundo real, onde acontecem tais fatos. Ao criar um produto audiovisual é possível transmitir sentimentos através dos sons, das fotografias, de recortes e efeitos inclusos posteriormente pela edição. No documentário todas essas formas ganham um aspecto de confiabilidade bastante promissor, considerando o desejo explícito de engajamento. Ao unir essas duas ferramentas, a Portas Abertas faz conhecer a sua linguagem informativa enquanto dá destaque a uma cristã ferida emocionalmente, que transmite a mensagem da tolerância e do apoio contando sobre a própria experiência com a perseguição religiosa, evidenciando o fator humano ao invés da objetividade das estatísticas, apenas.

A narrativa documental empregada também é o modo expositivo; o documentarista permanece ausente na tela. A maior parte das imagens são em estúdio e estáticas, todas elas possuem boa qualidade visual e são coloridas, inclusive as fotografias e vídeos adicionados sobre a fala da personagem ou da voz over. No momento em que Damaris relata como ficou sabendo da morte de seu marido a imagem da tela a apresenta apenas chorando, enquanto ouvimos sua voz narrar o episódio. Em certos momentos podemos conhecer seu idioma e tom de voz, quando a edição dos sons dá essa evidência.

Neste, o plano médio curto é o mais utilizado, cerca de 24 vezes, seguido do geral, aproximadamente 20 vezes e o americano, por volta de 18 vezes. O enfoque no enquadramento na altura do peito até a cabeça, enfatiza as expressões do rosto, especialmente a tristeza e o choro recorrentes da personagem, mas toma cuidado em não tornar as cenas tão dramáticas, usando menos o primeiro plano. O plano geral, possivelmente, também foi utilizado com esse intuito, de equilibrar os traços emocionais do episódio, porém não ausentando a carga comovente das cenas. A imagem se afasta de Damaris enquanto mostra a amplitude do espaço, no entanto, simultaneamente, também destaca a postura corporal da personagem. Este também traz a logo da Portas Abertas no canto inferior direito.



Fonte: “Faces da Perseguição”, Youtube

4.5 Cruzamento dos dados

As narrativas documentais dos dois episódios analisados reforçam o objetivo de conscientização sobre a perseguição religiosa sofrida por cristãos em alguns países do mundo, e a necessidade de apoio espiritual e financeiro por aqueles que usufruem de liberdade e paz, através dos relatos particulares de duas pessoas, de diferentes países, sexos e ocupações, que sofreram com a violência extrema da intolerância à pluralidade religiosa. Ambos episódios utilizam de construções estéticas semelhantes, criando, assim, uma identidade fácil de reconhecer entre eles, e histórias impactantes, com forte apelo emocional, potencializado pela utilização de planos onde as expressões faciais e corporais são destacadas.

Contudo, enquanto aspectos como o uso da voz over, de boa nitidez e predominância de imagens estáticas são comuns aos dois, há duas pequenas diferenças, porém notáveis. No primeiro episódio a edição acrescentou diversas fotografias, apresentadas em preto e branco, ao passo que eram narradas, documentando algumas situações e lugares, dando maior valor informativo e levantando dados importantes; o segundo seguiu o mesmo intuito, porém, além das fotos, alguns vídeos curtos também foram adicionados e, tanto nas fotografias quanto nos vídeos, há a utilização de cores. Se foi uma diferenciação proposital, não pudemos identificar o motivo. A outra mudança, essa mais simples de compreender, se dá pelo uso dos planos, onde há enquadramentos mais valorizados em um do que no outro, e vice-versa. Neste caso, sabemos que o tom peculiar das narrativas, bem como dos personagens, deve romper com padronizações enrijecidas na criação de peças audiovisuais que proponham a subjetividade autoral, como é o caso do documentário, reconhecendo os aspectos originais de cada história compartilhada e da singularidade de impacto sobre o espectador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao coletarmos e agruparmos informações sobre a história da religião e do cristianismo, bem como da intolerância religiosa sobre ele, relembrarmos a inserção do jornalismo na Web e a segmentação religiosa nesse meio, abordarmos sobre a plataforma de mídia social Youtube e as relações no ciberespaço em razão de comunicar a fé e, finalmente, detalharmos sobre o gênero documentário, que constitui o aspecto criador do objeto de análise deste artigo, identificamos propósitos compartilhados entre esses assuntos e respostas semelhantes. Isto é, por meio da discussão teórica e, sucessivamente, as inferências apresentadas segundo o estudo dos dois episódios escolhidos, foi possível compreender as estratégias comunicativas empregadas na série “Faces da Perseguição”, de modo que houve a

identificação de narrativas direcionadas, autorais, ideológicas e adaptadas ao espaço virtual da web, com vistas ao estímulo da empatia do espectador pela mensagem, influenciando uma ação prática de ajuda.

Ações institucionais como essa nos dão um pequeno, mas significativo, entendimento sobre o papel da comunicação aplicada a grupos específicos no âmbito das relações do ciberespaço, e de ações de grupos menores e independentes no desenvolvimento e disponibilização de materiais midiáticos, como uma série documental, em espaços mais democráticos e interativos. Compreendemos, desse modo, que a ascensão popular das mídias sociais tem estabelecido uma nova era informativa, onde assessorias, empresas, grupos ou indivíduos podem produzir, editar e compartilhar utilizando de poucos recursos e, mesmo assim, adquirir notáveis reputação, audiência e retorno. Esses instrumentos dão voz a pessoas comuns e permitem o conhecimento de fatos pouco reconhecidos como relevantes nos programas de mídias tradicionais. Portanto, através das análises realizadas, concluímos que técnica, narrativa e local de propagação unem-se em favor de objetivos religiosos e humanitários, através de um produto audiovisual na web, especificamente na mídia social Youtube, para manifestar a linguagem particular da instituição Portas Abertas, possibilitando a comunicação especializada da realidade de perseguição à fé cristã, para persuadir os espectadores ao auxílio financeiro e espiritual.

REFERÊNCIAS

- ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Portugal, v. 1, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiah-y-ana-jornalismo-especializado.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- Bíblia. Português. Bíblia sagrada: Antigo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição de 1995. [S.l.]: CPAD, 2008. 2013 p.
- Bíblia. Português. Bíblia sagrada: Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição de 1995. [S.l.]: CPAD, 2008. 2013 p.
- AS PRINCIPAIS informações da Lista Mundial da Perseguição 2022. **Portas Abertas**, c2021. Disponível em: <https://portasabertas.org.br/lista-mundial/destaques>. Acesso em 24 jan. 2022.
- DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. **Unicef**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 06 jan. 2022.
- DUARTE, Patrícia. **A primeira manifestação pré-histórica do universo religioso**. Último andar, [s.l.], n. 21, 2013.
- FACES da Perseguição. **Portas Abertas**, c2021. Disponível em: <https://portasabertas.org.br/como-se-envolver/faces-da-perseguiçao>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa: um guia prático**. Via Litterarum, Itabuna, 2010.
- LIBERDADE religiosa no mundo, relatório 2021. **ACN Internacional**, [s.d.]. Disponível em: <https://acninternacional.org/religiousfreedomreport/pt/main-findings/>. Acesso em 15 fev. 2022.
- MAIA, João. **Michel Maffesoli e a cidade partilhada**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 26, 2005.
- MARTINS, Allysson Viana; RIVERO, Thaís. **Da TV à internet, dos televangelistas aos youtubers**: apontamentos sobre canais evangélicos no YouTube. Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais, [s.l.], v. 1, n. 3, 2019.
- MARTINS, Antônio Carlos Borges. **Sobre a origem da Religião**. Revista Eletrônica das Faculdades de Santos Dumont, [s.l.], v. 2, 2009. Disponível em: <https://www.fsd.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/artigo18.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. INTERCOM, Campo Grande, 2001.

MONTEIRO, Luís. **A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações**. INTERCOM, Campo Grande, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/62100555399949223325534481085941280573.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

NOSSA história. **Portas Abertas**, c2021. Disponível em: <https://portasabertas.org.br/sobre-nos/historia>. Acesso em: 21 jan. 2022.

NOSSO trabalho. **Portas Abertas**, c2021. Disponível em: <https://portasabertas.org.br/sobre-nos/nosso-trabalho>. Acesso em: 21 jan. 2022.

OLIVEIRA, Michele Gusmão; MARQUES, Edmilson Ferreira. **O documentário e suas especificidades**. Anais do III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Goiás (CEPE/UEG): Inovação: inclusão social e direitos. Pirenópolis, v. 3, 2016.

O NOME sobre todo nome – pastor atacado na Indonésia | Faces da Perseguição. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (21 min). Publicado pelo canal Portas Abertas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q20yAL2zAIg&list=PLNCyAeV74dR179NIiv98AJa5nigX1H2xi&index=12>. Acesso em: 31 mar. 2022.

QUEM nos separará do amor de Cristo? – O testemunho de uma viúva nigeriana | Faces da Perseguição. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (22 min). Publicado pelo canal Portas Abertas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UjBwUkpMoDo&list=PLNCyAeV74dR179NIiv98AJa5nigX1H2xi&index=12>. Acesso em: 31 mar. 2022.

QUEM somos. **Portas Abertas**, c2021. Disponível em: <https://portasabertas.org.br/sobre-nos/quem-somos>. Acesso em: 21 jan. 2022.

RASÊRA, Marcella. **Jornalismo digital**: do boom aos dias atuais. Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. ÍCONE, [s.l.], v. 12, n. 1, 2010.

SANTOS, Rodolpho Raphael de Oliveira. **Ciberteologia**: A relação entre comunicação e fé no ambiente digital. Revista Eletrônica Espaço Teológico, [s.l.], v. 14, 2020.

SCHUCH, Rosa Marina Gargioni; VIEIRA, Milton Luiz Horn; GONÇALVES, Marília Matos. **A criação de um glossário cognitivo a partir de um estudo sobre enquadramento de cenas**. Travessias, Cascavel, v. 8, n. 3, 2014.

SILVA, Ana Paula Almeida da. **A influência do jornalismo religioso**: como o G1 abordou a Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016. Ecclesiocom, Campinas, 2017.

SILVA, Diogo Pereira da. **As perseguições aos cristãos no império romano (séc. I-IV)**: dois modelos de apreensão. Revista Jesus Histórico, [s.l.], v.7, 2011. Disponível em: <https://www.klineeditora.com/revistajesushistorico/arquivos7/ARTIGO-DIOGO-DA-SILVA.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

STEINWASCHER NETO, Helmut. **O Edito de Milão e o princípio da liberdade religiosa**. Revista da faculdade de direito de São Bernardo Do Campo, [s.l.], v. 17, 2015.